

Confronto das artes literária e fílmica *Lisbela e o Prisioneiro* de Osman Lins e Guel Arraes

Valquíria Elias Ferreira Rezende

Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia

Este trabalho foi apresentado ao II SEPEL, Seminário de Pesquisa em Teoria Literária do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia. Trata-se de um projeto de pesquisa em fase inicial que apresenta como objetivo geral: estudar o diálogo da literatura cinematográfica *Lisbela e o Prisioneiro* de Guel Arraes com o texto teatral homônimo de Osman Lins.

São objetivos específicos são: analisar os recursos literários e os procedimentos cinematográficos nas obras em questão; estudar os elementos da comédia (riso, humor, ironia e sátira) na configuração do Cinema Popular Brasileiro, destacando ousadias estéticas e características culturais do Brasil; enfatizar a possibilidade de despertar o gosto pelo texto literário por meio da imagem fílmica.

Pretende-se direcionar esta pesquisa para responder as seguintes perguntas: 1. Quais são as relações entre as artes literatura e cinema; 2. por que não devemos considerar uma arte superior à outra, por conseguinte, por que não devemos exigir a fidelidade ao se fazer a transposição da obra literária para a obra fílmica; 3. como se dá a transposição da peça teatral *Lisbela e o Prisioneiro* de Osman Lins para o filme homônimo de Guel Arraes.

Para justificar a pesquisa e apresentarmos a metodologia para desenvolvê-la podemos observar que várias discussões têm sido feitas sobre a literatura moderna e suas novas formas de expressão. A inovação da técnica narrativa, da criação de personagens e o novo tratamento dado ao tempo são alguns exemplos. Também faz parte dessas discussões o diálogo de obras literárias para o cinema, o que traz à tona certos questionamentos como: o que modificou na transposição da obra literária para a obra fílmica? O roteiro do filme dialoga ou transgride o texto original? No caso de transgressão, qual é seu propósito?

O meio mais adequado para se obter respostas para estes questionamentos é conhecer as discussões feitas sobre o assunto por estudiosos da literatura comparada.

Jeanne-Maria Clerc (2004, p. 284 in BRUNEL; CHEVEL, 2004) afirma que:

Podemos perguntarmo-nos se não compete à literatura comparada, devido à amplitude dos campos de investigação aos quais a conduzem os sistemas de interações que analisa, de recolocar nesse horizonte - prioritariamente icônico as manifestações da literatura atual e de delimitar os intercâmbios e as transferências que as unem. Só, ela dispõe das ferramentas necessárias para realizar a investigação sobre as duas frentes simultâneas e para estabelecer as relações que definem os comportamentos e as práticas, individuais e coletivas, próprias da nossa época e proporcionar assim à literatura comparada uma problemática original.

Vale ressaltar que, em Literatura Comparada, a comparação não é feita somente entre textos literários; compara-se também o texto literário com outras artes, como o cinema, por exemplo.

Segundo Randal Johnson (2003), as relações entre literatura e cinema são múltiplas e complexas, caracterizadas por uma forte intertextualidade. Uma das problemáticas dessa relação está na visão preconceituosa que o cinema sofre ao trazer a transposição de uma obra literária.

Há uma tendência geral de considerar a obra literária sempre superior ao filme e também de considerar que o filme deve obrigatoriamente ser fiel ao texto original.

No entanto, esse é um falso problema. Randal Johnson (2003) afirma que se o cinema tem dificuldade em fazer determinadas coisas que a literatura faz, a literatura também não consegue realizar o que um filme faz.

Diante dessa afirmação e várias outras feitas a partir da década de 60, pode-se constatar que uma arte não é superior a outra. Portanto, a literatura não é superior ao cinema e este não tem obrigação de seguir o texto original. No final do ensaio *O Chão da Palavra: Cinema e Literatura no Brasil*, o crítico José Carlos Avelar escreve:

A relação dinâmica que existe entre livros e filmes quase nem se percebe se estabelecemos uma hierarquia entre as formas de expressão e a partir daí examinamos uma possível fidelidade de tradução: uma perfeita obediência aos fatos narrados ou uma invenção de soluções visuais equivalentes aos recursos estilísticos do texto. O que tem levado o cinema à literatura não é a impressão de que é possível apanhar uma certa coisa que está num livro – uma história, um diálogo, uma cena – e inseri-la num filme, mas, ao contrário, uma quase certeza de que tal operação é impossível. A relação se dá através de um desafio como o dos cantadores do Nordeste, onde cada poeta estimula o outro a inventar-se livremente, a improvisar, a fazer exatamente o que acha que deve fazer. (AVELLAR, p. 124, 1994).

É importante observar então que cada uma dessas artes tem sua forma expressiva diferenciada. Enquanto na literatura observa-se linguagem, estrutura do texto, estilo do

autor, no cinema observa-se movimento da câmera, performance dos atores, silêncio, cenografia, iluminação, trilha sonora entre outros elementos.

Esta pesquisa pretende analisar a obra *Lisbela e Prisioneiro*, peça de Osman Lins e seu diálogo com o cinema feito por Guel Arraes. O texto teatral é um texto em que as personagens não dependem do narrador, é centrado em ações e além disso é marcado por rubricas, cenários e didascálias.

Lisbela e o Prisioneiro é uma comédia, texto marcado por humor, ironia e o riso. Retrata os costumes da região nordeste. Osman Lins é um autor pernambucano que escreveu obras em vários gêneros: romance, conto, poesia, novela, ensaios, artigos, casos especiais para televisão e peças teatrais.

Sandra Nitrini enfatiza que as personagens de Osman Lins são exemplo de um registro lírico de literatura introspectiva, marcada pela solidão, mas também impregnada de problemática de ordem social. *Lisbela e o Prisioneiro* foi sua primeira peça a ser encenada com retumbante sucesso. Começou a ser escrita em julho e concluída em setembro de 1960. É uma comédia de caracteres, embora as ações desenvolvidas na cadeia de Vitória de Santo Antão desempenhem uma função considerável na sua estrutura tradicional, com exposição, desenvolvimento, falso clímax, clímax, desfecho de situações, vivenciadas por personagens nordestinas e muito bem marcadas.

Lisbela e o Prisioneiro é a primeira produção para o cinema de Guel Arraes. Seus filmes anteriores, eram adaptações de mini séries exibidas pela Rede Globo. O filme *Lisbela e o Prisioneiro* nasceu de uma peça de Osman Lins que Jorge Furtado, Pedro Cardoso e Guel Arraes transformaram em um especial de TV de 50 minutos. Passaram-se nove anos até que Guel Arraes fizesse a readaptação para o teatro antes do filme.

O filme é uma leitura criativa do texto original. Guel Arraes afirma que cerca de 30% do texto e dos diálogos foram mantidos no filme. Tanto na obra literária quanto na obra fílmica há uma reflexão sobre o cinema já que seus personagens principais (um soldado no texto literário e Lisbela, uma moça sonhadora no filme) são apaixonados por cinema.

Também é importante ressaltar que Guel Arraes toma *Lisbela e o Prisioneiro* como marco para a criação do Cinema Popular Brasileiro, uma categoria que supõe uma linguagem rápida, “filhote” da televisão, carregada de humor e de indiscutível sucesso de público, como atestam *Caramuru A invenção do Brasil* (2000) e *Auto da*

Compadecida (1999), trabalhos anteriores de Arraes e produzidos, aliás, originalmente para a TV Globo antes do lançamento em cinema.

A análise das artes literária e fílmica de *Lisbela e o Prisioneiro* pretende mostrar as relações entre essas duas artes dentro da visão de que nenhuma é superior a outra considerando os diferentes aspectos expressivos de cada uma para produzir sua arte.

Segundo Tânia Pellegrini, aos poucos, vai ficando clara a relação do cinema com a literatura: a técnica cinematográfica e a dinâmica de suas imagens de celulóide em movimento invadem a técnica literária e suas palavras estáticas no papel.

Além dos teóricos já citados, pretende-se analisar as seguintes obras e autores: Robert Stam *Espetáculo Interrompido: literatura e Cinema de desmistificação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, Walter Benjamin Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Mário Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1996. Ismail Xavier (org.), *A Experiência do Cinema*. São Paulo, 1990.

Este estudo pretende ser estruturado em três partes, a saber: na primeira, será apresentada uma discussão teórica sobre as relações entre literatura e cinema; na segunda, identificar-se-ão os recursos literários e os procedimentos cinematográficos presentes no texto teatral e no filme *Lisbela e o Prisioneiro* de Osman Luis e Guel Arraes respectivamente; por fim, na terceira parte, oferecerá uma reflexão acerca dos elementos cômicos empregados no Cinema Popular Brasileiro e como se formam os elementos cômicos na estrutura do texto fílmico.

Este estudo ainda não apresenta resultados alcançados devido ao fato de se encontrar ainda no início da investigação.

Resumo

Este trabalho objetiva estudar o diálogo da leitura cinematográfica *Lisbela e o Prisioneiro* de Guel Arraes com o texto teatral homônimo de Osman Lins. Analisaremos os recursos literários e os procedimentos cinematográficos nas obras em questão buscando entender como se dá a relação entre a arte literária e o cinema. Nosso trabalho será direcionado pautando-se nas seguintes questões: “Quais são as relações entre literatura e cinema?” Para fazer a abordagem sobre essa temática utilizaremos como suporte teórico as discussões feitas por Jeanne – Marica Clerc, Randal Johnson e Tânia Pellegrine. Utilizaremos este mesmo suporte teórico para discutir uma segunda questão: “Por que não devemos considerar uma arte superior à outra?” Por fim, investigaremos uma outra abordagem através da análise do filme e do texto teatral,

destacaremos quais são os recursos que cada arte (a literária e a fílmica) se utiliza para se construir. A escolha dessa pesquisa se justifica pelo fato de ser um tema pouco abordado no meio acadêmico e também por pretender acabar ou pelo menos diminuir o preconceito que muitas pessoas têm ao comparar a adaptação de uma obra literária para uma obra fílmica.

Referências Bibliográficas

AVELAR, José Carlos. O Chão da Palavra Literatura e Cinema no Brasil. In: **Literatura in Brasilianischen Film / Brazilian Cinema and Literature / Cinema e Literatura no Brasil**. São Paulo, 1994.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Magia e Técnica, arte e política. São Paulo, 1996.

CLERC, Jeanne-Maire. **A Literatura Comparada: face às imagens modernas: cinemas, fotografias, televisão**. IN BRUNEL, Pierre, CHEVEL, Yves (Org). Compêndio de Literatura. Tradução Maria do Rosário Monteiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Linguística. Poética. Cinema**. São Paulo, 2007.

JOHNSON, Randal. Literatura e Cinema, diálogo e recriação: o caso de Vidas Secas. In: **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo, 2003.

LINS, Osman. **Lisbela e o Prisioneiro**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

MARINA, Júlia. **Lisbela e o Prisioneiro** por Júlia Marina. Disponível em <http://www.screamyell.com.br/cinemadois/lisbela.htm>, acessado em 20 de agosto de 2006.

PELLEGRINI, Tânia. Narrativa verbal e Narrativa visual: possíveis aproximações. In: **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo, 2003.

STAM, Robert. **O espetáculo interrompido: literatura e cinema de desmistificação.**
Rio de Janeiro, 1979.

SZONOI, Peter. **Teoria do drama moderno (1880-1950).** São Paulo, 2001.

XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema.** São Paulo, 1990.